

MITO E IMAGINÁRIO NA OBRA DE AILTON KRENAK¹

MYTH AND IMAGINARY IN THE WORK OF AILTON KRENAK

Florence Dravet²

Míriam Silva³

Resumo: Por meio do estudo da obra de Ailton Krenak, o objetivo deste artigo é de identificar no texto do escritor e filósofo indígena os elementos que podem compor sua visão de mito e as funções que este ocupa na vida indígena. Constatou-se a preferência do filósofo pelo termo “narrativa da tradição” e verificou-se a centralidade que esse conjunto de narrativas ocupa na preservação da identidade indígena. Vinculada às noções de natureza e ancestralidade, de acordo com Ailton Krenak, a narrativa da tradição indígena se vivencia no corpo, em sonhos, danças e cantos e alimenta o imaginário criador de novas narrativas. Conclui-se que o mito vivido pela cultura indígena e apresentado pelo filósofo é a expressão da complexidade da rede de relações da própria natureza de que o humano é parte.

Palavras-Chave: Mito. Povos indígenas. Natureza.

Abstract: Through the study of the work of Ailton Krenak, the objective of this article is to identify in the text of the indigenous writer and philosopher the elements that can compose his vision of myth and the functions it occupies in indigenous life. The philosopher's preference for the term “narrative of tradition” was noted and the centrality that this set of narratives occupies in the preservation of indigenous identity was verified. Linked to notions of nature and ancestry, the narrative of indigenous tradition, according to Ailton Krenak, is experienced in the body, in dreams, dances and songs and feeds the imagination that creates new narratives. It is concluded that the myth lived by indigenous culture and presented by the philosopher is the expression of the complexity of the network of relationships of nature itself of which humans are part.

Keywords: Myth. Indigenous people. Nature.

1. Introdução

O escritor e filósofo Ailton Krenak é hoje um dos maiores representantes da vida indígena no Brasil. Escritor e filósofo, ele cumpre em seus textos e em suas numerosas participações em vídeos, documentários e programas midiáticos, a função de um intérprete

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Imagem e imaginários midiáticos. 34º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba - PR. 10 a 13 de junho de 2024.

² Professora do PPG Inovação em Comunicação e Economia Criativa da Universidade Católica de Brasília - UCB, doutora, florence@p.ucb.br

³ Professora do PPG em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba – UNISO, doutora, miriam.silva@prof.uniso.br

entre a cosmovisão dos povos indígenas do Brasil e a civilização branca. Por essa razão e por vislumbrar um possível enriquecimento intercultural dos estudos do imaginário, a partir da América Latina, buscamos, na obra de Ailton Krenak, elementos que possam contribuir para uma teoria do mito e das mitologias que vigoram nas culturas indígenas.

Em sua obra publicada que, em grande maioria, consiste em transcrições de conferências, palestras, entrevistas e conversas, Ailton Krenak pouco se refere às narrativas dos povos indígenas como mitos – talvez por uma estratégia discursiva e política, em defesa de uma visão sensível, porque corpórea, dos fenômenos do mundo. Na maioria das vezes, ele usa expressões como “narrativas da tradição” ou mesmo “histórias” para tratar do que os antropólogos, linguistas, psicanalistas e mitólogos da tradição científica ocidental convencionaram chamar de mitos.

No texto “O silêncio do mundo”, quando Andreia Duarte lhe pergunta sobre “o tempo do mito”, Ailton Krenak tece uma crítica explícita que deixa claro o motivo de sua resistência ao emprego do termo em toda sua obra:

Essa compreensão crescente de que o mito é uma categoria de conhecimento de povos que não têm história, que não têm pôlis, que não têm política, que não pensam a complexidade das relações no mundo que nós compartilhamos, é uma grave herança segregacionista daquele pensamento que teve origem lá nos gregos (KRENAK; DUARTE, 2023, pp. 14-15).

Krenak aqui se refere à distinção entre *mythos* e *logos*, originada no pensamento filosófico grego que, a partir do século V a.C., atribui ao mito um lugar fora da filosofia e da história, em favor da argumentação lógica, que originou a filosofia grega e, posteriormente, o pensamento científico. Nessa perspectiva, o mito passou a pertencer aos saberes literários e artísticos e a tudo o que é da ordem da fantasia e da imaginação. Ora, para Ailton Krenak, essa distinção não apenas é sem sentido e não corresponde à realidade dos povos indígenas, mas é perigosamente excludente, “segregacionista”.

Ainda que não as chame de mito, Ailton Krenak frequentemente evoca as narrativas da tradição dos povos indígenas para sustentar seu discurso sobre a cosmovisão indígena, mostrando seu profundo valor para a elaboração de um pensamento social, cultural e político inclusivo e respeitoso da diversidade do mundo. Tais narrativas permeiam seus textos, introduzem seus argumentos, ilustram suas afirmações. Em suma, parecem constituir o esteio de uma cosmovisão que provém do passado, alimenta e justifica o presente e fornece esperança e motivação para o futuro. O grande valor atribuído por Ailton Krenak a esse conjunto de

narrativas é o de ser o vetor do que ele chama de uma “memória continuada” ou de um “rio de memória”, que garante a continuidade da identidade indígena e conta a sua história.

No caso dos povos indígenas a memória continuada tem que visitar um lugar que insistem em chamar de mito, porque querem esvaziar ela de sentido histórico e, portanto, chamam de mito. Acontece que todas as narrativas míticas anunciam coisas que nós vivemos, reconhecidas como história (KRENAK; DUARTE, 2023, p. 10).

Na tentativa de perceber uma concepção indígena do mito na obra de Krenak, inicia-se esta explanação, primeiro apresentando-se o pensador ativista e as obras estudadas. Logo, explora-se a relação das narrativas míticas indígenas com a memória e com a noção de ancestralidade. Em seguida, mostra-se uma perspectiva sobre esse mito como lugar de incerteza e de suspensão da flecha do tempo, mas também como possibilidade de atravessamento de mundos. Por fim, identificam-se as diversas formas de acesso aos saberes do mito, na cosmovisão de Krenak, entendido como narrativa da tradição.

A metodologia aqui empregada é a do exercício intelectual de compreensão da visão do outro, a partir da leitura de textos publicados de Ailton Krenak e dos seus poucos comentadores (ASCENSO, 2021; MENDONÇA, 2022; PITTA, 2023; FRANCO NETO, 2023). Foram estudados os livros: *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), *A vida não é útil* (2020) e *Futuro Ancestral* (2022), tríade que consagrou Krenak entre os autores mais vendidos nas livrarias brasileiras, além de gerar edições em 13 diferentes idiomas. Nestas obras, Krenak trata de temas como natureza e ancestralidade, propondo outras formas de existir que não a da sociedade branca. Anterior a esses, o livro de fotografias *O lugar onde a terra descansa* (2000), com textos de Ailton Krenak, narra, contextualiza e explora a ideia do Festival de Dança e Cultura Indígena, fundado em um terreiro no meio do Parque Nacional da Serra do Cipó. Também compõem as obras estudadas para este artigo os livros *Encontros - Ailton Krenak*, coletânea de entrevistas realizadas entre 1984 e 2013, organizada por Sérgio Cohn (2015) e *Lugares de origem* (2022), resultado de entrevistas realizadas com Krenak por Youssef Campos, quando da construção da tese de doutorado de Campos sobre patrimônio cultural no Brasil, conceito questionado a partir da Constituição de 1988, com a problematização sobre a proteção do patrimônio material e imaterial dos povos indígenas. “O silêncio do mundo” (KRENAK: DUARTE, 2023), texto no qual Krenak faz referência direta à palavra mito, razão para compor este estudo, é um experimento dramatúrgico realizado em parceria com a atriz e diretora artística Andreia Duarte, para o 27.º Festival de Artes Cênicas de Porto Alegre. *Um rio um*

pássaro (2023) é um livro composto por textos resultantes das conversas entre Ailton Krenak e o fotógrafo japonês Hiromi Nakagura. Ilustrado com desenhos do próprio Krenak, abrange reflexões feitas durante as viagens em que o líder indígena acompanhou o fotógrafo por terras de diferentes etnias brasileiras. Além das publicações, também auxiliou na aproximação com o pensamento de Krenak assistir às suas entrevistas, palestras, participações em documentários, presentes em grande volume nas redes sociais digitais. Por sua intensa atuação e divulgação via internet, em um modo que podemos chamar de ativismo midiático, não é possível esgotar as referências a Krenak nessas redes, que seguem em contínua atualização.

A busca por compreender o pensamento de Ailton Krenak requer adentrar um modo de pensar outro que, sem procurar respostas definitivas, está mais interessado na dinâmica da experimentação do que na definição estática. Como se observará, os modos indígenas de entender a vida tendem à experimentação e não condizem com uma definição fixa e rígida de conceitos. Portanto, para este trabalho, buscou-se uma metodologia compreensiva, baseada em uma revisão de literatura do autor, com o objetivo de acompanhar e tentar compreender um modo de elaborar conhecimento que se faz na relação com o mundo (MENDONÇA, 2022).

2. Ailton Krenak

Ailton Alves de Lacerda Krenak, conhecido como Ailton Krenak, nasceu em 29 de setembro de 1953, em Itabirinha (topônimo extraído da palavra indígena Itabira, que significa pedra aguda), no estado de Minas Gerais, região do Médio Rio Doce.

Aos 17 anos, mudou-se com a família para o estado do Paraná, depois para São Paulo, em função de constantes ocupações ao território krenak, por parte de madeireiros, criadores de gado e outros. Alfabetizou-se na língua portuguesa e se tornou produtor gráfico e jornalista. A formação inicial de Krenak parece repercutir em sua militância atual, seja nas atividades de palestrante, escritor ou artista, todas estas funções ligadas às áreas do design e da comunicação.

A partir da década de 80, intensifica sua militância em defesa dos direitos dos povos indígenas, fundando, em 1984, a organização não-governamental Núcleo de Cultura Indígena, que visa promover a cultura indígena, norte de seu ativismo até os dias de hoje.

Entre 1987 e 1988, participa na mesa de discussões pelos direitos indígenas, como convidado, na Assembleia Nacional Constituinte. Ao discursar no Plenário, vestido com um improvisado terno branco, pinta o rosto com tinta preta, em sinal de protesto. Ainda na década de 80, participa da fundação da União dos Povos Indígenas, com o intento de representar os

interesses indígenas no cenário nacional. Funda, ao lado de Chico Mendes, a Aliança dos Povos da Floresta, movimento que buscava assegurar reservas na Amazônia para a subsistência econômica, com a extração do látex da seringueira e a coleta de outros produtos oriundos da floresta. Idealizou o Festival de Dança e Cultura Indígena, realizado na Serra do Cipó, em Minas Gerais, a fim de promover a integração entre diferentes etnias indígenas brasileiras.

Escritor e filósofo da floresta, vive na reserva indígena krenak, em Resplendor, Minas Gerais, região gravemente impactada pela tragédia ambiental ocorrida em 2015, com o rompimento da barragem do Fundão, da mineradora Samarco / BHP Billiton, da Vale, em Bento Rodrigues, distrito de Mariana (MG). Em seus depoimentos, sempre que perguntado, expressa sua profunda revolta com o que chama de incidente, e não acidente, já que a complexidade do problema envolve uma série de culpados, licenças ambientais, ausência de fiscalização, descaso com as populações atingidas, entre muitos outros problemas. Entre eles, Krenak aponta como um dos mais graves a compreensão limitada da tragédia ao se considerar apenas os danos do mundo material, dos recursos, sem se considerar o mundo simbólico, espiritual, que constitui os lugares habitados pelos indígenas.

Como parte de sua militância, Krenak tem ocupado espaços institucionais e de poder político, tendo sido assessor especial para assuntos indígenas no governo de Minas Gerais entre 2003 e 2010. É doutor Honoris Causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora e pela Universidade de Brasília. Foi o primeiro indígena a ocupar uma cadeira na Academia Mineira de Letras, bem como na Academia Brasileira de Letras, para a qual foi eleito em 2023. Recebeu diversos prêmios, entre eles, o Juca Pato de Intelectual do Ano, em 2020, feito que reconfigura a própria ideia de intelectual. Os prêmios, homenagens e sua presença nas academias, assim como seu reconhecimento pelas universidades, conferem um espaço importante para a valorização do legado da cultura oral, defendida por Krenak como uma reserva de conhecimento que requer consideração, pois pode proporcionar outras formas de enxergar a realidade – um poder criativo e criador de intercâmbios entre mundos distintos. É nesse sentido que interessa compreender o lugar atribuído por Ailton Krenak ao mito, enquanto patrimônio imaterial, de valor simbólico e perpetuador de uma tradição que compõe a identidade de um grupo.

3. Narrativas da tradição: um rio de memória continuada

Ao indagar o pensamento indígena apresentado por Krenak a respeito da função e do valor das narrativas da tradição – como ele prefere chamá-las – percebem-se dois aspectos: a relação com a ancestralidade, ou seja, com a manutenção de um elo de continuidade entre passado, presente e futuro, que permite afirmar uma identidade; e a integração do humano à natureza, da qual ele nunca esteve separado, e com a qual vive em busca de harmonia.

Falar de ancestralidade é falar dos antepassados diretos de cada um, avôs, bisavôs e tataravôs, cujos nomes são conhecidos e lembrados. Mas é também falar dos antepassados coletivos, os ancestrais do grupo de pessoas que formam aquela etnia, aquele povo cuja história compartilhada constitui a base de uma noção comum de existência e de circunstâncias.

Na nossa tradição, na tradição indígena, nós temos uma história – a história da fundação do mundo – que nos integra no que poderia ser considerado o universo. Os fatos dessa história se aproximariam muito dos eventos religiosos. Nós temos uma história que poderíamos chamar de história objetiva, história do mundo, sobre a qual agimos (KRENAK, 2015, p. 91).

Em várias passagens dessas histórias, Krenak se refere aos “espíritos ancestrais” que vêm dançar nas festas, nos rituais, e cuja presença permite afirmar uma conexão que não se perde com o passado longínquo, com a origem, os tempos arquetípicos da criação do mundo. Ele se refere à obra do xamã yanomami Davi Kopenawa que, ao longo de vinte anos, revelou detalhadamente em conversas com o antropólogo Bruce Albert o sentido de conexão espiritual do povo indígena com os ancestrais, os *xapiris*⁴ (KOPENAWA; ALBERT, 2015). O vínculo estabelecido ritualmente com os espíritos ancestrais passa pelo poder dos xamãs, que têm um papel de mediação entre essas forças espirituais e a comunidade dos humanos, mas ele também diz respeito a todas as pessoas do coletivo indígena que comungam com eles na dança, nos cantos, nos adornos.

Os adornos que nós usamos em cada ocasião, eles não são só para enfeitar a gente, eles são para nos tornar mais parecido possível com o espectro de nossos ancestrais, que estão em volta da gente, dançando. [...] Esse é um pensamento indígena sobre a própria origem, sobre sua linhagem espiritual que é determinante para viverem qualquer coisa (KRENAK; DUARTE, 2023, p. 38).

No pensamento indígena, o que se passa com a pessoa é muitas vezes um espelho do que ocorreu na história do povo indígena como um todo. Isso porque “o tempo do mito”

⁴ Os *xapiris*, de acordo com Kopenawa e Albert (2015), são seres espirituais de grande complexidade e diversidade que vivem na floresta.

(KRENAK, 2020b), ou o tempo da cosmovisão indígena, não segue uma única direção, em linha reta, como se pode dizer do tempo cronológico da história. Ele é espiralar, cíclico, se repete e se espelha em vários níveis. É o que permite que o escritor, ao contar suas memórias de criança nos igarapés do Itabirinha, na bacia do Rio Doce, em Minas Gerais, evoque o rio da memória coletiva do povo com o qual ele está intimamente vinculado:

(...) quanto mais eu consigo contactar a memória, eu ligo com os mais antigos, que são os que eu reverencio, que são as memórias dos nossos antepassados. E eu vou viajando e entrando nos mananciais de visões e presentes que são essas histórias antigas, que são as visões que nossos avôs, os nossos bisavôs, os nossos antepassados deixaram para a gente. Porque o igarapé que aquele menino bate peneira está ligado com o rio de memória muito grande, que é o rio de memória que os mais velhos foram contando para a gente, compartilhando com a gente, ensinando. Os modelos, sabe? A resolução das coisas (KRENAK, 2015, p. 195).

Essa conexão íntima mantida pelo curso da narrativa mítica, nas várias formas de manifestação cotidianas que veremos mais adiante, é fundamental, segundo Ailton Krenak, para garantir um futuro aos povos indígenas. Diante da pressão exercida pela sociedade branca em favor de uma integração dos indígenas a seu modelo de desenvolvimento, o envolvimento com a tradição permite que as crianças indígenas sejam educadas ouvindo as narrativas, participando dos ritos, em meio aos adultos. Ele diz: “Na nossa tradição, um menino bebe o conhecimento do seu povo nas práticas de convivência, nos cantos, nas narrativas. Os cantos narram a criação do mundo, sua fundação e seus eventos. Então a criança está ali crescendo, aprendendo os cantos e ouvindo as narrativas” (KRENAK, 2015, p. 87).

Krenak lamenta que as crianças sejam muito cedo obrigadas pelo Estado a frequentar as escolas e muitas vezes acabem se desconectando de uma relação mais intrínseca e livre com a natureza. Ele compara o processo de alfabetização a um peixe com espinha que as crianças são forçadas a engolir, sem poderem retirar essas espinhas (KRENAK, 2015). Esta constatação é importante na medida em que toda a cosmovisão e a memória continuada a que o escritor se refere, além e por meio da conexão com os ancestrais, implica também em uma relação integrada à natureza. O que as narrativas dizem é que tudo é natureza, e que o indígena, como todos os outros seres vivos, é filho da terra.

Todas as crianças que brincam na aldeia herdam uma visão de mundo integrada com a natureza. E, como suas atitudes estão de acordo com a memória ancestral, vivem em paz. Um dia, quando se olharem no espelho do mundo, verão a si mesmos. Mas quem perde a conexão com os antepassados se vê num espelho rachado, não consegue mais ver sua identidade (KRENAK, 2023, p. 33).

Na cosmovisão indígena explicada por Krenak, há povos cuja ancestralidade se confunde com a dos peixes, outros que têm ancestralidade árvore. O rio e as montanhas também têm

laços de família com os indígenas. O próprio Rio Doce, da região onde fica a reserva do povo krenak, é chamado de Watu, que significa avô em sua língua nativa. Todos os seres vivos e os espíritos ancestrais estão conectados entre si de um modo interdependente. Nesse sentido, a vida indígena é acima de tudo relacional. E a busca é por manter a harmonia das relações na natureza.

A leitura da obra de Ailton Krenak, as histórias que ele mesmo narra e o seu discurso sobre a tradição permitem entender que são as narrativas que cumprem a função de manter viva a memória ancestral, anterior a uma suposta separação entre os humanos e os outros seres vivos da natureza. Dizer que há povos cuja ancestralidade é peixe significa manter viva a memória de um tempo anterior à criação da humanidade, tal como esta se configura hoje, com a separação entre diferentes espécies. Significa manter vivo o elo ancestral entre peixes e humanos, por meio da imagem do humano que um dia foi peixe. Significa dizer que todos – humanos e peixes – partilham uma mesma origem, uma história e uma natureza em comum, de modo que se mantém uma relação de integração entre os seres. Desta forma, ancestralidade e natureza são dois termos de uma relação dialógica de dependência mútua e de espelhamento que se verifica em todas as instâncias da memória continuada, em todas as narrativas que garantem a continuidade da memória ancestral e coletiva do ser indígena.

O que chama a atenção nessa busca de harmonia com a natureza é que, se há um sentimento de reverência ao que é sagrado, não há menção alguma, em toda a obra de Krenak, a seres divinos. Krenak reverencia a terra como a mãe de todos, mas não a chama de deusa. Apresenta a montanha como um ser vivo, dotado de capacidade de linguagem e comunicação com o humano, mas não se refere a ela como a uma entidade divina. Fala de sagrado, mas não de religião. Esse cuidado parece estar relacionado a uma concepção e a uma prática de relação com o sagrado que o pensador e ativista indígena quer diferenciar das práticas religiosas conhecidas e instituídas na sociedade, com seu conjunto de regras e normas. Segundo Pascoal e Zhouri (2021), o uso do termo sagrado pelo povo krenak consiste em uma estratégia discursiva para justificar uma concepção de difícil compreensão para o pensamento religioso dos brancos. “Quando os não indígenas queremos definir coisas/relações especiais, marcadas por ambiguidades peculiares que borram certas distinções cartesianas, dizemos que são sagradas” (PASCHOAL; ZOURI, 2021, p. 375).

Perguntado, em entrevista, se ele pratica alguma religião, Krenak diz:

Eu pratico. Eu acho que nossa tradição é muito diferente, por exemplo, dos cristãos, para quem a ideia de praticar uma tradição, uma religião está vinculada a um conjunto de normas e condutas. Para nós isso não existe. Eu não tenho que ir a um templo, não tenho que ir a uma missa. Eu me relaciono com meu criador. Me relaciono com a natureza e com os fundamentos da tradição de meu povo (KRENAK, 2015, p. 83).

A prática religiosa de Ailton Krenak, portanto, não é institucional e unificada e está ligada à continuidade de uma tradição que remonta aos mitos da criação do mundo e se estende para a forma como cada pessoa vivencia os sonhos, os ritos e a própria história dentro da coletividade. Nesse sistema, o que chamamos de divino não é transcendente no sentido que se distingue de imanência, mas se encontra nos olhos da onça, no humor da montanha, na própria natureza de que o humano também é parte (PITTA, 2023).

O que transparece dessa cosmovisão é que a noção de humanidade é ampla e os corpos não são separados dos outros corpos, dos outros seres vivos nem da natureza. “Essa experiência física, sensorial, de separar o corpo da terra, separar o corpo de outros seres, da árvore, dos pássaros, do vento, de tudo – ela, em vez de nos fortalecer, nos torna frágeis diante de qualquer mudança” (KRENAK, 2023, p. 69). Não se trata de viver necessariamente em um meio rural ou dentro de uma floresta, já que, na cidade, tudo também é natureza: o ar que se respira, o vento, as intempéries, o sol, as árvores que vigoram e os matos em meio ao concreto, o céu, os astros, tudo está lá. A vida é natureza. O humano também. O que não faz sentido é separar algo que se chamaria de cultura de uma outra realidade que seria a natureza. Para Krenak, há apenas a natureza. Até os cantos dos espíritos ancestrais são ouvidos no vento por aqueles que ainda sabem ouvir. Por isso, ele propõe: “Mais de que pensar num dilema entre natureza e cultura, a gente podia se inspirar a pensar na ‘dança da vida’ que transcende a separação entre natureza e cultura” (KRENAK, 2023, p. 75).

Propõe-se, a partir dessa explanação, investigar o que seria essa “dança da vida”, seguindo a pista deixada por Krenak de que o tempo do mito é incerto e de que os mundos são intercambiáveis. Para pensar a “dança da vida” proposta por Krenak, sem separação entre natureza e cultura, pois é com o corpo que se dança, é preciso voltar ao tempo do mito que, segundo ele é um tempo anterior à angústia da certeza, um tempo que se oferece como vivência dos mistérios da vida, em harmonia com os outros seres vivos da natureza. Há, portanto, uma continuidade lógica na perspectiva indígena entre a natureza e seus diversos seres, os ancestrais e a dança da vida que se dá no tempo do mito.

4. O tempo do mito antes da angústia da certeza

No livro *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), Krenak afirma que durante muito tempo se perguntou: “Como os povos originários do Brasil lidaram com a colonização, que queria acabar com seu mundo? Quais estratégias esses povos utilizaram para cruzar esse pesadelo e chegar ao século XXI ainda esperneando, reivindicando e desafinando o coro dos contentes?” (KRENAK, 2019, p. 28).

A resposta está no trabalho de uma vida inteira, que Krenak vem construindo e explanando como um tradutor de cosmovisões, de narrativas cuja criatividade e poesia inspirou os modos de resistência de seu povo:

A civilização chama aquela gente de bárbaros e imprimiu uma guerra sem fim contra eles, com o objetivo de transformá-los em civilizados que poderiam integrar o clube da humanidade. Muitas dessas pessoas não são indivíduos, mas ‘pessoas coletivas’, células que conseguem transmitir através do tempo suas visões sobre o mundo (KRENAK, 2019, p. 28).

Como é possível um branco, uma pessoa que vive nessa civilização que pretende integrar os indígenas a seu sistema econômico de desenvolvimento, compreender essa noção de “pessoa coletiva” trazida por Krenak? E compreendê-la a ponto de substituí-la às alcunhas de “bárbaros” e “selvagens” que foram associadas à ideia de “índio”, vinda do pensamento colonial? Talvez, a compreensão do tempo do mito como o tempo de “antes da angústia da certeza” (KRENAK, 2020b) seja um primeiro passo nessa direção. E, talvez, a compreensão de que os mundos são intercambiáveis, não excludentes, e que é possível transitar entre eles sem destruí-los, sem ferir nenhuma lei, possa ser mais outro passo.

O pensamento científico da civilização moderna criou a angústia da certeza, a angustiante necessidade de respostas inequívocas a seus problemas, inclusive ao maior problema da humanidade que é o enfrentamento da sua morte. Ora, o mito e sua manifestação ritualística nascem muito provavelmente como uma alternativa à angústia diante do mistério da morte (MORIN, 1991). A narrativa mítica é uma tentativa de resposta aos mistérios do mundo. Mas, como bem explica Ailton Krenak, “o mito é uma possibilidade, não uma garantia” (KRENAK; DUARTE, 2023, p. 11). Ele não tem a pretensão de enunciar nenhuma verdade, no sentido científico da palavra, nenhuma certeza sobre o hoje nem sobre o amanhã. Ele também não corre como uma flecha em direção ao futuro, como o tempo cronológico do relógio dos brancos. Ele é, como a própria cosmovisão indígena, um tempo espiralar, que dá voltas, suspende seu curso e segue sua abertura incerta na direção dos eventos que determinam os rumos do mundo. Ele necessita da repetição regular que garante a continuidade da memória, mas também a

possibilidade de variação. Viver no tempo do mito é, portanto, uma maneira de libertar-se da angústia da certeza e da pergunta pelo amanhã, uma maneira de viver o presente.

O amanhã pode ser um presente que virá de encontro a nossa perseverança, nossa paciência com o dia que vivemos hoje, que é o presente de agora, que é o sentido da palavra ‘presente’. [...] Viver a incerteza viva, é a melhor dança, talvez, que a gente possa fazer com a experiência de compartilhar a vida com uma constelação de outros seres que não contam o tempo como nós, os humanos (KRENAK; DUARTE, 2023, p. 19).

O tempo mítico parece se aproximar daquele vivido pelos seres da natureza que não se preocupam com o amanhã e que carregam consigo a sabedoria do aprofundamento no presente. Na perspectiva espiralar da passagem do tempo, que contém a suspensão e o aprofundamento, a narrativa da tradição permite dar essa volta, evocar o passado, voltar à origem para viver o presente. Para Krenak, esse tempo é obrigatoriamente sustentado por uma experiência coletiva. É o tempo compartilhado pela narrativa da tradição no ato do rito e da dança. É quando os ancestrais são chamados e se unem aos corpos dos humanos para reviver a experiência de estar vivo, de ter um corpo. Nesse tempo cíclico e ritualístico, passado, presente e futuro se contaminam, e a vida é regenerada pela memória continuada, que garante a continuidade da identidade indígena.

Com relação ao futuro, Ailton Krenak conta que todas as narrativas de povos originários anunciam a chegada do homem branco. Mas esse ser é sempre apresentado como um parente que muito antigamente se perdeu da coletividade indígena e um dia retornará para reintegrá-la. Existe, portanto, a ideia de que, no futuro, o homem branco voltará a ser parte da coletividade humana da qual ele não deveria ter se afastado. Na perspectiva espiralar, a dimensão do retorno está prevista e não há angústia, porque o tempo futuro da reintegração do homem branco não está definido em nenhuma flecha. Esse tempo não tem uma garantia de duração. “Ele é mágico” (KRENAK; DUARTE, 2023, p. 11). É possível compreender essa expressão um tanto enigmática de Krenak, para além de uma performance discursiva provocativa, como uma ideia de tempo em que as dimensões da flecha cronológica se entrecruzam, penetram uma na outra. Passado, presente e futuro são relativizados em uma dimensão temporal mítica e, sobretudo, livre da “angústia da certeza”, uma vez que esse é o argumento principal de Krenak ao lidar com a questão do tempo na narrativa mítica da tradição.

Da mesma forma que o tempo do mito é diferente para os indígenas e determina sua relação com a flecha do tempo, o espaço de suas narrativas também é percebido como um universo e não como vários continentes divididos em diferentes espaços geopolíticos.

As experiências, a trajetória, a história dos povos indígenas, remonta a 20 mil anos, 10 mil anos. Alguns grupos étnicos têm uma viva memória – e transmitem isso oralmente – da sua origem, da sua criação, em regiões do mundo, mas nunca se colocando na América do Sul ou na América do Norte ou na Ásia, ou na China. Colocam-se num determinado lugar que se relaciona com o universo, é daquele lugar onde estão para o universo. É uma concepção muito sagrada da existência, é uma concepção profundamente espiritual da existência (KRENAK, 2015, p. 152-153).

Nesse contexto mítico, os mundos não conhecem fronteiras. Assim como não existe uma única passagem entre passado, presente e futuro, que seria a da história linear, também não existem fronteiras entre os Estados, e mesmo as fronteiras geográficas da natureza são vazadas. Os sábios que vivem integrados e em relação de participação na natureza sabem transpô-las. Caso contrário, como seria possível os xamãs yanomamis, que vivem isolados há milhares de anos em meio à floresta amazônica terem a exata descrição e o conhecimento do que é o mar?

Muitos dos nossos sábios podem, em qualquer ponto do território em que vivem, estar sentado dentro de uma habitação e, ao mesmo tempo, fazer pensamento e meditar e visitar e sobrevoar regiões longínquas e visitar os nossos parentes e tomar contato com realidades que nem as fronteiras geográficas são capazes de marcar, de se interpor. [...] E eu tenho uma inabalável fé de que, enquanto a gente puder fazer isso, o nosso povo vai existir (KRENAK, 2015, p. 154).

Krenak percebe nessas práticas de atravessamento de mundos por meio de pensamento, meditação e visão, um potencial para a criação de uma realidade em que os mundos sejam intercambiáveis e que possam se alternar em diferentes espaços e lugares. “Se não, diz ele, as fronteiras vão continuar sendo a marca mais brutal, mais anti-humana. Precisamos vazar essas fronteiras, feito uma peneira, para poder transitar entre esses mundos” (KRENAK; DUARTE, 2023, p. 12).

Isso, concretamente, na visão de Krenak e na cosmovisão indígena, significa investir na faculdade humana – preservada por uma sabedoria indígena milenar – de transpor os limites entre os diferentes níveis de realidades físicas que a ciência não consegue transpor com fórmulas matemáticas. A realidade mítica, nesse sentido, não é apenas uma realidade pré-filosófica e pré-científica de povos que não têm história, mas uma realidade que há milhares de anos está sendo preservada e contém um potencial de transformação das relações do humano com a terra, capaz, inclusive, de “adiar o fim do mundo”. Para Krenak, essa narrativa do fim do mundo serve apenas para nos impedir de imaginar um mundo diferente. A imaginação e o sonho, junto com o canto e a dança são, para ele, as maneiras que os indígenas têm de “suspirar o céu” (KRENAK; DUARTE, 2023, p. 43) e de recriar o mundo.

O tempo do mito e o espaço vazado sem fronteiras da cosmovisão indígena, junto com a permeabilidade entre os seres vivos da natureza e entre vivos e mortos são realidades da vida

indígena que Krenak nos propõe como meios de exercer a imaginação. O exercício da imaginação, para o filósofo e escritor indígena, não está apenas no centro da vivência mítica, mas também e, sobretudo, no centro da capacidade criativa do ser humano, aquela que lhe permite criar e recriar incessantemente sua existência no mundo. Assim como o tempo do mito relativiza a flecha do tempo, assim como a imaginação relativiza as fronteiras, ela também permite que não haja apenas um instante da criação do mundo, mas que esse ato seja constantemente evocado, vivido e revivido em contínuos atos criativos, frutos da conjunção existencial dos seres da natureza: vivos e mortos, humanos e animais, vegetais, árvores, rios, montanhas, intempéries.

Quais são, na experiência indígena, as vias de acesso à criatividade necessária para que os humanos tomem parte e continuem atuando na criação do mundo ao invés de narrar seu fim? Como se participa da narrativa da tradição sem ficar preso ao passado? E como esta tradição pode fornecer os meios de continuar narrando, imaginando, criando mundos?

5. “Ainda hoje, a criação do mundo continua”: As vias de acesso às narrativas da tradição

Ailton Krenak é herdeiro de uma tradição oral que se estende a todos os povos indígenas e cuja cultura se assenta no que ele chama de narrativas da tradição.

Uma característica da tradição oral parece ser esse falar de repente, aquela coisa que sai do espírito; uma conjunção de espírito, mente e arte da fala. É um traço da cultura tão difícil de se capturar, e ao mesmo tempo, talvez seja o último grande acervo de riqueza que ainda temos por reconhecer e por apreciar no mundo de hoje. Não só no Brasil e na América do Sul, mas no mundo. Talvez ele esteja exatamente escondido nas franjas das tradições que ainda não se escrevem, que ainda não tem outros relatos a não ser a oralidade (KRENAK; CAMPOS, 2022, p. 37-38).

Tendo sido alfabetizado tarde, Krenak reconhece que ao engolir esse peixe, soube retirar as espinhas de modo que ele não perdeu a consciência de que “andar, nadar, subir em árvores, correr, caçar, fazer um balaio, um arco, uma flecha ou uma canoa” é tão importante, senão mais, para a cultura indígena, do que a aprendizagem da escrita (KRENAK, 2015, p. 86). Isso porque os saberes da tradição são transmitidos no cotidiano, no contato com a natureza e no convívio com a comunidade, com os mais velhos, no fruir dos ritos, ao cantar e dançar junto com os parentes e os ancestrais. Não se trata de uma tradição parada no passado que tem que ser lembrada mesmo quando seu conteúdo já não faz sentido para o presente. Trata-se de tradição como vida e experiência (FRANCO NETO, 2022). “Não se trata de um manual de

vida, mas de uma relação indissociável com a origem, com a memória da criação do mundo e com as histórias mais reconfortantes que cada cultura é capaz de produzir – que são chamadas, em certa literatura, de mitos” (KRENAK, 2022, p. 103).

Se a natureza é veículo de experiências, como as do encontro com os bichos, com as árvores, com a correnteza dos rios e as violentas quedas d’água, ela é também veículo das narrativas ancestrais, porque é nela que os ancestrais vivem e por meio dela que se comunicam. Desta forma, Krenak explica como é possível aprender uma narrativa ao ouvir cantigas dentro do vento:

Também, quando nós acampamos no mato, ficamos esperando o vento nas folhas das árvores para ver se ele ensina uma cantiga nova, um canto ceremonial novo, se ele ensina e a pessoa ouve. Se ela ouvir, repete muitas vezes esse canto até aprender e depois mostra o canto para os seus parentes, para ver se ele é reconhecido, se é verdadeiro. Se for verdadeiro ele passa a fazer parte do acervo dos nossos cantos (KRENAK; DUARTE, 2023, p. 37).

Os mais jovens aprendem com seus mais velhos como reconhecer os humores da natureza e se harmonizar com ela. Krenak explica que “o pessoal da nossa casa fica sempre parecido com o humor da montanha, dos rios que cercam a aldeia” (KRENAK; DUARTE, 2023, p. 37).

Os ritos também servem de meio de transmissão e conhecimento das narrativas. Ensinam sobre a forma como a dança e os cantos permitem intervir junto à natureza. Como Krenak explica, a intervenção dos indígenas na natureza é mínima e consiste em não deixar marcas, mas em preservar a presença discreta dos humanos e garantir um convívio harmônico com ela. É preciso pisar leve na terra. Na ritualística do povo Krenak, a cerimônia do Taru Andé é o momento em que o céu faz um movimento de aproximação com a terra. O povo dança junto: crianças, homens, mulheres e os mais velhos, todos reunidos em uma grande brincadeira coletiva, permeada por cantorias.

“Suspender o céu” é a expressão que Krenak utiliza para falar dessa confluência de intencionalidades em favor da continuidade da vida na terra. “Isso significa ampliar o nosso horizonte no sentido existencial, não é apenas uma projeção de algo, de um desejo” (KRENAK; DUARTE, 2023, p. 42). Para “adiar o fim do mundo”, as pessoas podem se unir como fazem os indígenas – como narra o xamã yanomami em *A queda do céu* (KOPENAWA; ALBERT, 2015) – para realizar essa dança cósmica junto à natureza e aliviar a pressão exercida sobre as mentes esgotadas pela narrativa de que não há saída possível. “Eu não aceito xeque-mate, fim do mundo ou fim da história” (KRENAK; DUARTE, 2023, p. 43). Na tradição narrativa indígena explicada por Krenak, os ancestrais dançam junto com os humanos, tomando conta

dos corpos dos xamãs, mas também espelhando sua força na alegria e no movimento do corpo de todos os participantes da festa, em uma conexão total entre todos os níveis de realidade da vida na Terra.

Mas o maior aprendizado sobre a tradição, que serve de guia para a vida de Ailton Krenak, é o de receber sonhos. Aqui, mais uma vez, trata-se de uma via de acesso a esse conjunto de narrativas da tradição. Krenak se refere ao sonho como a uma instituição:

Não como uma experiência onírica, mas como uma disciplina relacionada à formação, à cosmovisão, à tradição de diferentes povos que têm no sonho um caminho de aprendizado, de autoconhecimento sobre a vida, e a aplicação desse conhecimento na sua interação com o mundo e com as outras pessoas (KRENAK, 2019, p. 52-53).

Nos sonhos, as narrativas e as figuras míticas se apresentam e dão seus recados. Os bichos, os rios, as árvores são portadores de mensagens ancestrais, que carregam a sabedoria do tempo e da história. O mais velho, que sabe ouvir os sonhos indaga: era um rio? Mas qual rio? Qual era o humor do rio? Era um pássaro? Uma coruja ou um bem-te-vi? Era noite ou era dia? Cada informação dessas diz algo ao sonhador e é sempre entendida de acordo com os saberes da tradição.

O que meu tataravô e todos os nossos antigos puderam experimentar passa pelo sonho para a minha geração. Tenho o compromisso de manter o leito do sonho preservado para meus netos. E os meus netos terão que fazer isso para as gerações futuras. Isso é a memória da criação do mundo. Então, não decifro sonhos. Eu recebo sonhos (KRENAK, 2015, p. 94).

Os sonhos existem para serem recebidos, ouvidos e compartilhados. Eles também têm suas narrativas que veiculam afetos e atuam em várias esferas. Na coletividade, podem adquirir sentido político; na esfera pessoal, podem determinar decisões; na esfera doméstica, podem definir a ordem do dia. Sonhar é dado a todo mundo, mas Ailton Krenak diz que a sociedade dos brancos não sabe mais sonhar porque “Para algumas pessoas, a ideia de sonhar é abdicar da realidade, é renunciar ao sentido prático da vida” (KRENAK, 2019, p. 52). Para ele, o lugar do sonho “talvez seja uma outra palavra para o que costumamos chamar de natureza” (KRENAK, 2019, p. 66). A ideia aqui parece ser a de um universo em que a realidade se apresenta como natureza: viva, relacional e mais próxima da não separação entre o visível e o invisível, uma vida em que os acontecimentos são reais e interferem na vigília, uma realidade não limitada, na qual “o casulo humano implode” (KRENAK, 2019, p. 66).

Para entender essa perspectiva e aceitá-la, não como folclore, etnografia ou resquício de um passado que convém preservar, mas como uma possibilidade real, uma contribuição do pensamento indígena ao pensamento contemporâneo, é preciso inverter o binóculo da história.

Este parece ser o convite que o escritor Krenak está fazendo ao Brasil. “Como se pode estudar por livros, podemos aprender com os sonhos” (KRENAK, 2023, p. 23).

Por fim, é preciso falar do imenso espaço que Krenak dedica em sua descrição da cosmovisão indígena à capacidade imaginativa da humanidade. Essa capacidade não está separada da realidade dos mitos enquanto narrativas coletivas, veiculadoras de saberes e afetos. É dentro da narrativa e do tempo do mito que ela se dá. Através dos sonhos, ela se manifesta em sua forma mais fiel à natureza, desde que o sonhador saiba recebê-los. O imaginário é, para Krenak, o vasto reservatório que nos permite ser criativos e pode nos libertar de uma visão de mundo achatada e nos abrir para a possibilidade de seguir contando histórias. “As mitologias estão vivas. Seguem existindo sempre que uma comunidade insiste em habitar esse lugar poético de viver uma experiência de afetação da vida, a despeito de outras narrativas duras do mundo” (KRENAK, 2022, p. 104).

É preciso usar a imaginação, recorrer ao vasto reservatório de possibilidades que o imaginário coletivo nos oferece para seguir contando histórias. Mas não histórias de narrativas pré-definidas, ocupadas com regras do jogo pré-determinadas. Histórias de outro tempo, anacrônico, histórias da diferença, que permitam tensionar o mundo e não manter as consciências reféns de sua própria autodeterminação (FRANCO NETO, 2022). As narrativas imaginadas da tradição se transmitem e se recriam na medida em que são impregnadas por uma noção de sacralidade da natureza de que o ser humano é parte e com a qual precisa se harmonizar para continuar vivo. Esta noção de sagrado se conecta diretamente com o cultivo da beleza nos desenhos e adornos corporais, na fabricação de um balaio, na pluma de um cocar. Em sua simplicidade aparente, esses gestos de produção de beleza são gestos do simbolismo e da consciência de transcendência daqui da terra para outros céus. Servem para manter a conexão com essa noção vasta de natureza e garantir a possibilidade de passagem entre os mundos.

Partindo da afirmação de Darcy Ribeiro (2008) sobre a vontade de beleza presente entre os ameríndios, Krenak a descreve como uma vontade de recriar a beleza do mundo para participar da dança do universo do qual somos uma pequena parte, mas que é sem fim. Ele usa a imagem dos céus para descrever essas camadas de realidades, de mundos dentro de mundos que constituem a complexidade do universo, na qual a humanidade está situada. “Sempre tem uma galeria de espaços míticos, sagrados, de representação, que não precisam existir nesse mundo que nós vivemos agora porque há a possibilidade de outro céu. Em cima deste céu, tem

outro céu e depois daquele, tem outro céu sem estrelas" (KRENAK, 2015, p. 257). Os antigos dedicavam muito tempo a essa atividade de criação de beleza. De modo que "estavam tão harmonizados com o ritmo da natureza que só precisavam trabalhar algumas horas do dia para proverem tudo o que era preciso para viver. Em todo o resto do tempo você podia cantar, dançar e sonhar: o cotidiano era uma extensão do sonho" (KRENAK, 2020a, p. 47).

A proposta de Krenak (2022, p. 70) de "reflorestar o imaginário" e devolver à humanidade a potência de fazer a terra se mover, elaborada a partir da cosmovisão e da experiência indígena, consiste em resgatar o sentido cósmico da vida e um sentido de natureza não mais enquanto objeto de fruição, não mais enquanto espaço geográfico, muito menos enquanto recurso, mas enquanto realidade íntima, vivência profunda de conexão com o sagrado imanente em que habita um sagrado transcendente muito próximo.

Se você não tem um imaginário, se você não ocupa um imaginário, se seu coletivo não compartilha um espaço que é recriado o tempo todo pela alma, pelo espírito, pela cultura, pelo ambiente da visão, a visão da cultura, você está visando uma coisa totalmente miserável, que não tem sentido nenhum (KRENAK, 2015, p. 256).

É a partir dessa afirmação que Krenak (2022) convida àqueles que têm ouvidos para escutá-lo a perceber o sagrado vivo aqui e agora, a reflorestar seu imaginário e se reaproximar de uma poética capaz de lhes devolver a potência da vida que vigora na natureza e atravessa a humanidade.

6. Considerações finais

Ailton Krenak age politicamente ao performar com todo o corpo o legado da oralidade dos povos indígenas, pois propõe questionar o conceito de humanidade praticado pelo homem branco: uma humanidade fundada na ideia de civilização, afeita ao desenvolvimento, produtora de exclusão e carente de envolvimento, com a cabeça separada do coração, o que pode ser traduzido como a separação entre *mythos* e *logos*. Uma humanidade que devora vorazmente a Terra que habita, deixando um rastro de destruição cada vez mais incontornável. Os outros, a sub-humanidade, seguem agarrados à Terra, e sobrevivem, envolvidos com a memória de seus ancestrais. São os povos indígenas, mas também os quilombolas, os ribeirinhos e os caiçaras. Na conexão sensível entre corpos, nessa confluência entre humanos, animais, insetos, plantas, rios e pedras, o mito pode equivaler ao que a cultura do branco resolveu chamar de conexão com a natureza, traduzida como a própria vida e sua dança, presente no corpo do poeta, pensador e artista Ailton Krenak, que se comunica contando histórias, alimentando a memória

continuada de seu povo, em uma dança que convida ao presente, descalço no palco, brincando na rede ou pintando o rosto com jenipapo.

Reencontrar o tempo do mito indígena não é olhar para o passado a fim de recuperar uma utopia revogada. É olhar para o contemporâneo, para o pensamento indígena que vigora hoje. Que insiste, como estratégia de sobrevivência e manutenção de sua existência constantemente ameaçada, em reafirmar sua conexão com a tradição. Que não aceita perder sua história porque tem um futuro a construir. Para Krenak, as novas histórias da memória continuada devem ser contadas a partir da cosmovisão daqueles povos que constituem hoje um tipo de sub-humanidade, do ponto de vista do projeto humanista ocidental e de sua noção de progresso. Para que a humanidade possa contar mais uma história e adiar o fim do mundo, é preciso investir nas alianças afetivas que garantam a sua existência – não apenas física, mas a sua existência completa, seus cantos, suas danças, suas histórias, suas relações não utilitárias com o mundo (ASCENSO, 2021). Daí a importância de ações políticas como a iniciada na constituinte de 1987, com a liderança de Krenak, porque procurou resguardar a cultura oral sob o conceito de patrimônio cultural, que deve ser entendido como patrimônio de todos os brasileiros. Daí também a importância da admissão de Ailton Krenak entre os imortais da Academia Brasileira de Letras.

Krenak nos apresenta uma visão de mito que exige que nos afastemos daquela premissa grega, amplamente desenvolvida pela filosofia e por todo o pensamento ocidental, da separação entre *mythos* e *logos*, entre os povos que vivem no tempo mítico – a sub-humanidade, excluída da sociedade moderna – e os povos que têm história. Exige nosso investimento na possibilidade de um mito integrado ao pensamento, por sua vez integrado à natureza, integrada à dança da vida. Um vasto programa de revisão conceitual e de escuta do outro para o qual Ailton Krenak não desiste de nos convidar.

No mito de Ailton Krenak, vigoram um outro tempo e um outro universo, livres de fronteiras; convivem em busca de harmonia seres vivos humanos e não-humanos, seres vivos e não-vivos – os ancestrais, de espécies tão diversas quanto há espécies vivas na natureza; essa diversidade de seres é capaz de se reunir em rituais para dançar, cantar e imaginar mundos possíveis, mundos melhores, reflorestar o imaginário em direção ao ilimitado da natureza. O mito, em Ailton Krenak parece, por fim, ser a própria expressão narrativa da natureza e de suas relações. Visão quiçá idealista, transmitida por um defensor ativista envolvido com a luta indígena desde seus vinte anos. Ou visão necessária do porta-voz de um povo que há cinco

séculos resiste para que sua cultura não seja totalmente aniquilada em nome da ordem e do progresso da civilização branca. Visão real, em todo caso, de um escritor e filósofo indígena que vive no corpo a narrativa de sua tradição e dedica seu tempo e sua obra à transmissão de sua cosmovisão.

Referências

ASCENSO, João Gabriel da Silva. Alianças afetivas contra a tragédia da paisagem unívoca: um olhar sobre o pensamento de Ailton Krenak. **Revista Wirapuru**, ano 2, n. 3, 2021, pp. 78-94.

<https://doi.org/10.5281/zenodo.5420314>

FERRAZ, Isa. (org.) Darcy Ribeiro. **Utopia Brasil**. São Paulo: Hedra, 2008.

FRANCO NETO, Mauro. Seguir contando histórias: o gesto antropofágico e o significado existencial da história na obra de Ailton Krenak. **Revista de História**, n. 181, p. 1-24, 2022. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2022.196181>.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**. Palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton, MOURA, Adriana, SIQUEIRA, Zaida, PESSOA, Igor e CALDAS, José. **O lugar onde a terra descansa**. Núcleo de Cultura Indígena, Eco Rio, 2000.

KRENAK, Ailton. [Entrevistas concedidas]. In: COHN, Sérgio. (org.) **Ailton Krenak**. São Paulo: Azougue, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.

KRENAK, Ailton; TEDxUNISINOS. **O tempo do mito**. Youtube. 10 de setembro de 2020b. 9min.45s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SqNqsNxOh_E. Acesso em: 26 de janeiro de 2024.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton; CAMPOS, Youssef. **Lugares de origem**. São Paulo: Jandaíra, 2022.

KRENAK, Ailton. **Um rio um pássaro**. Rio de Janeiro: Dantes, 2023.

KRENAK, A.; DUARTE, A. O silêncio do mundo. In: DORRICO, Trudruá; RECALDES, Luna Rosa (Orgs.) **Caixa de Dramaturgias Indígenas**. São Paulo: Outra Margem e n-1 Edições, 2023.

MENDONÇA, Ana Otero de Oliveira. **O corpo não é útil: ideias de Ailton Krenak para pensar “com a cabeça na terra”**. Dissertação de mestrado. Universidade do Sul de Santa Catarina, 2022.

MORIN, Edgar. **O paradigma perdido**: a natureza humana. Sintra: Europa-América, 1991.

PASCOAL, W.V.; ZHOURI, A. Os Krenak e o desastre da mineração no Rio Doce. **Ambientes**: Revista de Geografia e Ecologia Política, v.3, n.2, 2021, p. 360-394. <https://doi.org/10.48075/amb.v3i2.28271>.

PITTA, Maurício Fernando. Niilismo à prova dos nove: há sentido em se falar de “niilismo” no pensamento indígena? **Revista Dialectus**, ano 12 n. 30, maio a agosto 2023, pp. 160-180. <https://doi.org/10.30611/2023n30id92053>.

RIBEIRO, Darcy. Brasil: terra dos índios. In: Ferraz, Isa. (org.) Darcy Ribeiro. **Utopia Brasil**. São Paulo: Hedra, 2008.